REPENSANDO A HISTÓRIA DA(S) AMÉRICA(S): A MÚSICA NA RESISTÊNCIA À ESCRAVIDÃO NAS COLÔNIAS ESPANHOLAS E INGLESAS

RETHINKING THE HISTORY OF AMERICA(S): MUSIC IN RESISTANCE TO SLAVERY IN SPANISH AND ENGLISH COLONIES

Giovana Eloá Mantovani Mulza

Resumo: A resistência à dominação europeia assumiu diversas formas nas Américas espanhola e inglesa. Apesar das distinções estruturais nos sistemas coloniais ali implantados, a escravidão foi uma importante instituição na produção e extração de gêneros. Fosse através dos povos nativos ou através de comunidades "importadas", o não-europeu era concebido como criatura inferior e, portanto, apta aos trabalhos ditos como vulgares. No decorrer do período que compôs a escravidão nas Américas, povos indígenas e africanos encontraram formas de resistência que se manifestaram também de forma camuflada – expressando-se, inclusive, através das músicas. Fundamentados no campo da infrapolítica e no conceito de *tática* de Michel de Certeau (1998), buscaremos compreender o importante papel desempenhado pelas canções na resistência à escravidão na História do continente americano, observando as singularidades de cada contexto.

Palavras-chave: Resistência cultural; Música; História das Américas.

Abstract: Resistance to European domination took various forms in the Spanish and English Americas. Despite the structural distinctions in the colonial systems implanted there, slavery was an important institution in the production and extraction of genders. Whether through native peoples or through "imported" communities, the non-European was conceived as an inferior creature and, therefore, apt to work said to be vulgar. During the period that composed slavery in the Americas, indigenous and African peoples found forms of resistance that also manifested themselves in camouflage - expressing themselves, even, through music. Based on the field of infrapolitics and the concept of *tactics* by Michel de Certeau (1998), we will seek to understand the important role played by songs in the resistance to slavery in the history of the American continent, observing the singularities of each context.

Keywords: Cultural resistance; Music; History of the Americas.

INTRODUÇÃO

A história dos mecanismos de conquista e colonização do amplo continente americano suscitou debates seculares nas instituições produtoras de conhecimento. Fosse sob o discurso de um "imperialismo ecológico" (CROSBY, 2011) ou de um "determinismo geográfico" (DIAMOND, 2018), a dominação europeia nesse novo continente – protagonizada sobretudo pelos reinos da Espanha e da Inglaterra – constituiu um tema muito discutido desde o século XV. A multiplicidade dos sistemas políticos e econômicos ali implantados acabou por dotar a história americana de pluralidades, aquando da própria historiografia falar da existência de Américas, no plural, em detrimento de uma realidade uniforme e homogênea. No entanto, fosse sob o aspecto de uma extensão do reino metropolitano ou como um refúgio de *outsiders* europeus – suscitando o termo de Norbert Elias (2000) –, a colonização das Américas contou com a mão de obra escrava, ora fornecida pelos habitantes locais, ora "importada" do continente africano.

A historiografia dedicada à temática da escravidão consente acerca da preeminência do sistema escravista na secular constituição econômica-política-cultural das sociedades coloniais hispânicas e inglesas nas Américas. As pesquisas referentes à escravidão tendem a privilegiar os mecanismos de resistência adotados pelos dominados, sobretudo no que tange aos aspectos implícitos empregues. Para tanto, a abordagem das canções ritualísticas e das músicas religiosas acaba desempenhando um papel de destaque na compreensão da resistência política e cultural dos povos e etnias escravizados. Os trabalhos historiográficos majoritariamente dedicados ao estudo da musicalidade nas relações de dominação provêm da renovação da disciplina histórica a partir dos decênios de 1970 e 1980, especialmente das aproximações entre cultura e política outorgados pela *Nouvelle Histoire*.

Apesar das distinções históricas intrínsecas à conquista e à colonização do continente americano, um estudo comparativo acerca do papel das músicas nas relações entre dominantes e dominados torna-se de grande proveito para a historiografia política e cultural das Américas. Nosso trabalho, portanto, visará analisar o importante papel auferido pelas canções ritualísticas indígenas e pelas músicas religiosas dos negros afroamericanos nas colônias espanholas e inglesas, respectivamente. No que concerne aos indígenas submetidos à Coroa espanhola, daremos enfoque à etnia uitotos – situada na Amazônia peruana e colombiana. Já para estudo dos negros de origem africana levados aos territórios ingleses na América, iremos privilegiar os spirituals – músicas dotadas de forte cunho religioso.

Sob um aspecto introdutório, faz-se necessário suscitar que os impactos psicológicos e socioambientais da conquista e da colonização das Américas tornam-se explícitos quando vistos em perspectiva retrógrada. Embora muito se tenha discorrido acerca do trauma de tais processos – fosse ressaltando sua preeminência para homologar a mundialização do planeta (MARKS, 2007) ou para a concretização de uma rede econômico-cultural global (MCNEILL, MCNEILL, 2010) –, fato é que o território americano permaneceu secularmente isolado e possuiu uma história livre de grandes influências externas.

Fora uma complexa interação de fatores internos que, no alvorecer do século XVI, havia conferido muitas formas às diversas sociedades locais: estados altamente estruturados, senhorias relativamente estáveis, tribos e grupos seminômades ou nômades (WACHTEL, 2018). Seria nesse mundo autossuficiente que um impacto brutal e sem precedentes ocorreria a partir da invasão europeia – dotada de uma realidade profunda e explicitamente diferente. Conjuntamente às implicâncias intrínsecas ao advento dos múltiplos sistemas culturais europeus, a história das Américas seria amplamente influenciada pela vinda de povos africanos escravizados – comercializados no continente-matriz e conduzidos para as colônias americanas pelos navios negreiros (RAMBELLI, 2006).

O sistema exploratório-extrativista implantado especialmente nas localidades tropicais do continente americano – tanto nos domínios espanhóis quanto nos ingleses – caracterizou-se pelo explícito usufruto da mão de obra escrava. Embora sob protagonistas etnicamente variados, a escravidão moldou as relações econômicas e culturais das sociedades coloniais implantadas nas Américas espanhola e inglesa. Permanece consensual na produção historiográfica que os povos indígenas foram priorizados pelo colonizador hispânico para a extração mineralógica e para a exploração dos recursos naturais do continente. A relativa abundância demográfica dos povos nativos consiste na principal justificativa dessa preferência étnica para a escravidão nas colônias espanholas (WACHTEL, 2018). Tal tendência, no entanto, acaba não sendo aplicável nas localidades setentrionais submetidas ao domínio inglês, visto que os africanos escravizados teriam desempenhado um papel muito mais explícito nas regiões agrícolas anglo-saxãs – convivendo com o trabalho livre e servil também característicos das colônias inglesas.

Em ambas as conjunturas, as etnias escravizadas conceberam mecanismos de resistência ao domínio europeu, manifestando-os no âmbito cultural e político. As contestações provinham das mais variadas atitudes e permaneciam amiúde implícitas ao sistema de dominação. Muito se discorreu acerca das sublevações bélicas dos escravizados indígenas e africanos, mas a análise da resistência sob o aspecto da *infrapolítica* acaba sendo uma tendência recente na bibliografia historiográfica. As "pistas" para a construção dessa narrativa, no entanto, estiveram presentes nas fontes desde o início da conquista e da colonização. Conforme demonstra Héctor Bruit (1995), o frade dominicano Bartolomé de Las Casas (1484-1566) dedicou diversas obras ao estudo do comportamento dos ameríndios diante da invasão espanhola, cujas observações podem ser estendidas para grande parte do período de existência da escravização dos nativos. Sob uma aparente insolência e preguiça, os nativos submetidos ao sistema escravista buscavam formas de resistência aos mecanismos institucionais de dominação que frequentemente se manifestavam de forma mascarada e implícita. Dentre os modelos de resistência adotados pelos indígenas, houve a tentativa de manutenção dos códigos linguísticos e culturais frente às imposições homogeneizantes da Coroa espanhola. Além da comunicação em dialetos locais, muitos dos povos buscavam perpetuar seus costumes e valores através de ritos ou canções, todos mascarados e infiltrados no sistema colonial.

Evidentemente, a música como ferramenta de resistência política e cultural não esteve restrita aos indígenas das colônias espanholas no continente americano. Embora submetida a intentos e códigos linguísticos distintos, ela esteve presente na porção da América dominada pela Inglaterra. Os negros de matriz africana foram protagonistas na composição de canções rítmicas de forte cunho cristão – as quais permaneciam implícitas ao sistema colonial e estavam imersas na luta política pela liberdade. As músicas recitadas sobretudo nas plantações tropicais de domínio inglês eram proferidas em inglês e ficaram conhecidas por *spirituals* devido à ampla influência religiosa do Antigo Testamento cristão. Essas músicas desempenharam um papel de visível importância na escravidão africana, não somente por constituir um meio de expressão, mas principalmente por seu conteúdo conferir esperança aos negros e inspirá-los a resistir frente à dominação metropolitana.

O presente trabalho visará discorrer acerca da importância das músicas na escravidão indígena nas colônias espanholas e na escravidão africana nas colônias inglesas, destacando-as como ferramentas de resistência cultural e política no contexto de dominação colonial.

A MÚSICA, OS ÍNDIOS, OS NEGROS E A RESISTÊNCIA NAS COLÔNIAS ESPANHOLA E INGLESA

Intelectual jesuíta dedicado à análise do cotidiano, Michel de Certeau (1998) conceituou o binômio estratégia-tática na renomada *L'Invention du quotidien, 1. Arts de faire* originalmente publicada no ano de 1980. Tais conceitos, apesar de complementares, se contrapõe. Conforme suscita o autor, "O que distingue estas daquelas são os *tipos de operações* nesses espaços que as estratégias são capazes de produzir, mapear e impor, ao passo que as táticas só podem utilizá-los, manipular e alterar." (CERTEAU, 1998, p. 92). Diante de uma produção racionalizada e expansionista feita pelas estratégias institucionais, posta-se uma produção totalmente diversa e astuta, caracterizada sob o conceito de "consumo", o qual é parte das táticas. As táticas, dessa forma, constituem em uma arte de utilizar aquilo que é imposto, atuando como uma espécie de resistência inconsciente diante dos mecanismos institucionais de dominação. É sob esse aspecto que o binômio desenvolvido por Certeau (1998) acaba por receber um papel de destaque em nosso estudo.

Fato é, ademais, que muitos dos comportamentos de resistência conceituados na obra *L'Invention du quotidien, 1. Arts de faire* (1998) integram o âmbito da *infrapolítica* – definida enquanto um conjunto de práticas que se situam no plano da existência e não se restringem ao âmbito institucional (MOREIRAS, 2018). Tomando como parâmetro esses conceitos, a história política acaba desvencilhando-se do cunho partidário e institucional que a caracterizou durante centúrias, podendo adentrar em localidades implícitas nos mecanismos de poder mais visíveis. As músicas – conceituadas pelos historiadores do século XX como manifestações unicamente culturais – passaram a ser contempladas enquanto ferramentas políticas somente mediante o advento desses novos conceitos que abrangem o não-institucional. Foi

especialmente a partir do decênio de 1970 que a *Nouvelle Histoire* cogitou usar as músicas para "pensar a sociedade e a história." (NAPOLITANO, 2002).

Tomando como arcabouço os conceitos de "tática" e de "infrapolítica" supracitados, podemos compreender a música indígena e a música negra enquanto táticas de resistência frente os mecanismos institucionais de dominação impostos pelas metrópoles europeias. Em ambos os casos, as canções foram empregues enquanto ferramentas de resistência, ora preservando a cultura tradicional, ora oferecendo esperança e incitando revoltas. Nessa porção do trabalho, buscaremos analisar o papel das músicas nas sociedades coloniais das Américas espanhola e inglesa, mapeando especialmente seus significados no sistema escravista. Em função da visível multiplicidade de tradições nativas americanas, nosso estudo das músicas indígenas acabará privilegiando um enfoque na cultura uitotos – comungada pelos povos originários da região amazônica peruana e colombiana. A escolha não foi aleatória: nossa pesquisa desenvolvida no mestrado possui como temática a história colombiana, motivando-nos a tratar de um aspecto ali ambientado. No que se refere às músicas africanas cantadas no território inglês, privilegiaremos o estudo dos *spirituals* não por uma possível facilidade, mas sobretudo pela riqueza conceitual que são dotados.

O estudo dos povos indígenas permaneceu amplamente prejudicado por uma tradicional hierarquia construída entre escrita e oralidade. O descompasso esteve vinculado principalmente ao fascínio dos historiadores pelas fontes textuais no transcurso da maior parte da trajetória da historiografia. Evidentemente, a circunscrição do fenômeno cultural ao simbolismo alfabético acabou tendo como resultado a invisibilidade das diversas outras formas de escrita que não se manifestam unicamente em uma página material, mas através de suportes acústicos, visuais e táteis. A interdisciplinaridade entre a ciência histórica e os campos antropológicos e etnológicos foi de fundamental importância na renovação dos estudos das tradições americanas, cujas mais notáveis contribuições repousam no reconhecimento da oralidade e da verbalização das culturas originárias, legitimando a inserção do historiador no âmbito das músicas locais. É com respaldo em tal arcabouço que poderemos analisar os cantos ritualísticos uitotos – grupo ameríndio ainda fixo na região colombo-peruana do *Gran Caquetá* (ALCOCER, 2015).

As músicas enquanto aspectos das culturas nativas não podem ser tomadas unicamente como elementos da tradição originária, mas necessitam ser apreendidas como uma reflexão em torno da experiência histórica desses povos mediante o contato europeu. Embora nossos estudos contemplem um grupo específico, as conclusões sobre as relações interétnicas entre europeus e uitotos manifestas em suas músicas podem ser estendidas para outras localidades do território continental, visto que alcançam a realidade da maioria dos povos originários das Américas. Em consonância com a conjuntura majoritariamente comungada pelas comunidades indígenas, os povos uitotos inseriram-se em relações mercantis com os comerciantes europeus, participando de diversas maneiras na economia extrativa dedicada a abastecer

o insaciável Ocidente. Fosse através do intercâmbio de bens de manufatura ou das grandes redes escravistas para fornecer mão de obra para as colônias europeias, os sucessivos auges econômicos dos uitotos estiveram intercalados com o advento de epidemias de varíola, gripe e sarampo – quadro compartilhado pelos povos situados por todo o território americano (ALCOCER, 2015).

Desde o delineamento do contato interétnico euro-americano no século XVII, a cultura uitotos conviveu secularmente com uma intensa violência espanhola no exercício do controle social e territorial, contribuindo para dizimar severamente os povos originários da região. Além do massacre demográfico, as armas e os germes acabaram por auxiliar no desaparecimento dos aspectos da cultura e dos conhecimentos locais. Essa situação deve ser relembrada quando nos propomos a estudar as músicas ritualísticas dos uitotos. Apesar do amplo declínio populacional, os indígenas uitotos compartilhavam um mesmo complexo cerimonial organizado em torno do consumo ritualístico da coca e do tabaco – ainda integrantes da cultura local na atualidade (ALCOCER, 2015). A preservação da memória ritual e cultural do grupo buscou ser preservada entre os uitotos através das canções recitadas no plantio da coca, muito visada para a exportação para a Europa e ainda consumida furtivamente pelos indígenas nas surdinas das fazendas. Embora não tenhamos acesso ao conteúdo textual das músicas cantadas nas plantações – fosse pelo desinteresse dos colonos ou pela dificuldade de compreender os dialetos locais –, os relatos coletados atualmente evidenciam o cunho ritualístico que o próprio plantio possuía. Optamos por transcrever em espanhol uma contundente fala do Abuelo García quando entrevistado por Fernando Urbina Rangel: "Al sembrar se canta, se silba para que la coca se ponga contenta. Al cantar se pone feliz porque presiente que se va a hacer baile. Y así crece rápido. Esos cantos son las oraciones. ¡Como antiguamente todo se hacía coqueando!" (GARCÍA apud RANGEL, 2011, p. 201).

A ausência do conteúdo textual das canções acaba não impossibilitando nosso estudo, visto o simbolismo que os cânticos desempenham na cultura uitotos. Conforme mostra Abuelo García (apud RANGEL, 2011), a religiosidade local desempenhava um importante papel para afirmar o caráter ritualístico das músicas, responsável por aproximar as divindades uitotos das plantações – evidenciando a universalidade da religião nas tradições dos povos originários do continente americano. A aproximação dos uitotos ao metafísico também permanecia ressaltada através da própria linguagem empregue nos cânticos: eram recitados na língua étnica tradicional dos povos colombo-peruanos, dificultando sua compreensão pelos espanhóis e restringindo o cultivo da coca aos indígenas locais. Afinal, seria unicamente no alvorecer do século XX que os primeiros etnólogos iniciariam o processo de decifração da língua dos uitotos, destacando-se o alemão Konrad Theodor Preuss (1869-1938), cujos livros referentes à cultura dos uitotos apareceram na Alemanha na década de 1920 em dois volumes.

As tardias tentativas de fixar as tradições culturais dos uitotos em uma escrita alfabética acabam revelando a existência de

seculares mecanismos de preservação através da conservação. A manutenção de uma língua ou dos ritos nativos evidenciam uma implícita tentativa de resistir diante das imposições culturais europeias. E as músicas desempenharam esse duplo papel: além de carregarem os dialetos tradicionais, faziam parte da religiosidade dos uitotos. O emprego das canções enquanto uma ferramenta de resistência cultural frente à dominação espanhola nem sempre foi consciente entre os habitantes do *Gran Caquetá* colombo-peruano, permitindo seu enquadramento no conceito de *tática* supracitado. A desconexão deste tema com os estudos dos fenômenos institucionais permite-nos enquadrá-lo no campo da infrapolítica. De fato, a manutenção desse conhecimento mesmo depois de tantos séculos de contato com uma cultura de imposições sociais e políticas – como demonstra o Abuelo García (apud RANGEL, 2001) – acaba tornando-se um fenômeno que não deixa de surpreender os historiadores, contribuindo para acentuar a ruptura para com a visão de que os ameríndios foram simples agentes passivos do processo de dominação europeia. As músicas integravam um vasto complexo de resistências culturais que se manifestavam no âmbito político – muitas vezes vistas como idolatria como aponta Clementina Battcock (2015) em seu estudo sobre os costumes de indígenas bolivianos.

No que concerne à colonização da Inglaterra nos territórios setentrionais do continente americano, nos deparamos com uma realidade nitidamente distinta quando comparada à história das Américas espanholas. A historiografia estadunidense pouco discorreu acerca da atuação das etnias indígenas na constituição política e cultural dos Estados Unidos, aquando dos negros terem consensualmente auferido maior destaque, especialmente por comporem o arcabouço do sistema escravista. O cultivo do tabaco e do algodão nas *plantations* – amplamente apreciados no continente europeu – convergiam a maior parcela do trabalho africano, tornando os negros escravizados como responsáveis pela criação de uma verdadeira classe social objetiva (GENOVESE, 1973). Embora muito se tenha tratado acerca das contradições do binômio escravidão-liberdade inerentes à sociedade colonial inglesa – como suscitou Arthur C. Jones (2005) e Edmund S. Morgan (2000) –, a escravidão consistiu em uma instituição intrínseca à história estadunidense, preeminente nas relações sociais entre os séculos XVII e XIX e cujas implicâncias culturais e políticas ainda repercutem na atualidade dos Estados Unidos. Os negros escravizados "[...] lançaram os alicerces de uma cultura nacional negra separada, ao mesmo tempo que enriqueceram sobremodo a cultura americana como um todo." (GENOVESE, 1973, p. 11).

Os cativos africanos iniciavam sua luta contra a dominação europeia ainda nos navios negreiros, manifesta nas revoltas, nos suicídios e nos escapes, cujas tentativas contestatórias permaneciam amiúde pontuadas pelas músicas. Em consonância com a tradição remanescente do continente africano, os negros que se lançavam ao oceano – optando o suicídio ao cativeiro – faziam-no amparados pelas intituladas "canções de triunfo", cantadas pelos negros no convés e pelos suicidas. Arthur C. Jones (2005) suscitou que diversos pesquisadores subestimaram a importância

das músicas na luta libertária negra, tratando-as enquanto uma resistência passiva limitada. Vemos uma visível similaridade entre tal proposição com aquela comungada pelos estudiosos da história indígena espanhola, visto que ambos subestimaram as formas seculares de resistência implícita ao sistema colonial. A espiritualidade foi igualmente inerente às canções dos negros cativos, embora estivesse penetrada pelo cristianismo europeu. Permanecia inerente aos africanos uma fé absoluta no âmbito divino, cujas forças espirituais seriam as responsáveis por conduzir as ações individuais e coletivas (JONES, 2005). Deus daria suporte aos negros nas lutas pela liberdade, religiosidade presente no conteúdo das músicas recitadas. Combinando sua fé com a esperança, os cativos compuserem canções rítmicas e alegres que os prepariam para a liberdade.

> O Senhor não libertou Daniel?
> Libertou Daniel, libertou Daniel?
> O Senhor não libertou Daniel?
> Então porque não [libertar] todos os homens?
> Ele livrou Daniel da cova dos leões,
> Jonas da barriga da baleia,
> E os jovens hebreus da fornalha ardente,
> Então porque não [livrar] todos os homens?
> (JONES, 2005, p. 03)

Tem-se a impressão que os escravos assumiam que seriam libertados, tal como o foram os hebreus e as personagens bíblicas Daniel e Jonas. As narrativas do Antigo Testamento cristão auferiam um significado simbólico especial, aquando da história do povo hebreu tornar-se sua própria história. Tais passagens religiosas atuavam como as principais fontes inspiradoras para a composição dos *spirituals*, as quais possuíam significados muito conectados às suas lutas em comunidade (JONES, 2005). Tal aspecto torna-se constituinte para uma distinção das músicas criadas pelos negros escravizados nas colônias inglesas e das canções dos indígenas escravizados nas colônias espanholas – especialmente no que se refere aos povos uitotos. Enquanto os africanos se apropriaram e ressignificaram a religião cristã do colonizador, empregando-a em prol da luta libertária, os indígenas cantavam suas músicas tradicionais no intuito de preservar sua cultura, língua, religião e conhecimentos, sob a implícita tentativa de contestar e resistir às imposições homogeneizantes da Coroa espanhola. Apesar dessas distinções, as músicas desempenhavam o papel de ferramentas de resistência frente o sistema cultural e político colonial.

Os cantos religiosos dos negros escravizados estavam imbuídos de um latente e simbólico elemento de protesto, o qual frequentemente se manifestava de forma explícita, produzindo um conjunto de músicas que transcendiam a esperança e o conforto espiritual e motivavam a ação ativa na mudança e protesto social (JONES, 2005). Vemos, portanto, que os *spirituals* acabaram sendo dotados de duplos sentidos e significados latentes, especialmente aqueles que usufruíam de personagens bíblicas. Muitas das músicas recitadas serviam como códigos secretos para os planos de escape, revoltas e protestos. Tal aspecto estava intrínseco ao famoso *spiritual* "Go Down', Moses":

Quando Israel estava na terra de Egito,
Deixe meu povo ir;
Oprimido com tanta força que não conseguiam ficar de pé,
Deixe meu povo ir.
"Assim falou o Senhor," disse o corajoso Moisés,
Deixe meu povo ir;
Se não, Eu irei ferir de morte seu primogênito,
Deixe meu povo ir.
Vá, Moisés,
Desça a terra do Egito.
Diga ao velho Faraó,
Deixe meu povo ir!
Fuja furtivamente, fuja furtivamente, fuja furtivamente pra Jesus!
Fuja furtivamente, fuja furtivamente para o lar
Não tenho tempo pra ficar aqui!
Meu Senhor me chama,
Ele me chama através do trovão;
A trombeta soa dentro da minha alma,
Não tenho tempo pra ficar aqui!
(JONES, 2005, p. 05-06)

Muitos insurretos usaram "Go Down', Moses" como um sinal para chamar os fugitivos para a liberdade. A maioria das músicas recitadas pelos escravizados nas colônias inglesas somente seriam catalogadas no oitocentos, posteriormente à emancipação estadunidense e na conjuntura da abolição escravagista. Ainda que seja impossível datar a composição dessas canções, não há questionamento de que os *spirituals* eram amiúde empregues na comunicação secreta entre os negros escravizados (JONES, 2005). Algumas músicas, inclusive, acabavam por servir como mapas para as rotas de fuga, tal como o conhecido *spiritual* "Follow the Drinking Gourd", responsável por conduzir os cativos fugitivos em direção ao *Big Dipper*, nome conferido à constelação da Ursa Maior:

Siga a cabaça!
Siga a cabaça,
Pois o velho homem está sempre esperando para carregar-te a liberdade,
Se você seguir a cabaça.
Quando o sol voltar e as primeiras codornas chamarem,
Siga a cabaça,
Pois o velho homem está sempre esperando para carregar-te a liberdade,
Se você seguir a cabaça.
(JONES, 2005, p. 07)

A luta ativa instigada pelos *spirituals* não era compartilhada pelas canções dos povos uitotos, muito mais vinculadas ao aspecto da conservação de uma cultura americana tradicional e secular. As músicas dos negros africanos não possuíram um papel circunscrito às lutas pela liberdade política dos escravizados, mas transcenderam a emancipação e influenciaram a formação da música gospel e do próprio *blues* – abrangendo as reivindicações pela melhoria da qualidade de vida dos negros norte-americanos (CASTELLINI, 2013). Embora não possamos datar com precisão a origem dos

spirituals, sabemos a extensão de seu papel político e cultural na história da resistência dos negros no continente americano.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No transcurso deste trabalho, visamos traçar a importância das músicas na contestação ao domínio europeu sobre um outro "passível" à escravidão – fosse mediante habitantes nativos americanos ou etnias africanas submetidas a uma permuta humana transcontinental. A história dos indígenas e africanos escravizados não se circunscreve unicamente às implicâncias econômicas e políticas da instituição escravocrata, mas precisa abordar a análise das ideias de inferioridade que legitimaram a escravidão e foram incorporadas pelos indígenas e africanos escravizados. À parte dessa temática fundante dos estudos decoloniais, faz-se necessário rechaçar a imagem de escravizados passivos à dominação europeia, colocando-os enquanto seres resistentes aos processos de exploração física e moral. Embora seja anacrônico aborda-los como indivíduos plenamente conscientes de sua condição sob uma luta de classes, fato é que os indígenas nativos e os negros africanos desempenharam uma contestação ativa à escravidão, manifesta explicitamente nos meios institucionais ou como um elemento implícito à dominação. Nesse trabalho, buscamos ressaltar o papel das músicas como ferramenta de resistência escrava indígena e africana diante da dominação cultural e política das metrópoles europeias, abordando-as enquanto aspectos da infrapolítica e como *táticas* contestatórias.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALCOCER, Paulina. Un siglo de estudios sobre la literatura y los cantos rituales uitotos. *Latinoamérica*, México, n. 02, 2015, p. 185-202.

BATTCOCK, Clementine. Para el fin que el demonio pretende: el baile y el temblor, un mal a erradicar en los Andes. *Perspectivas Latinoamericanas*, El Taki Onqoy, 2015.

BRUIT, Héctor. *Bartolomé de Las Casas e a simulação dos vencidos*. São Paulo: Iluminuras, 1995.

CASTELLINI, Michael. *Sit in, Stand up and Sing out!*: Black gospel music and the civil rights movement. Georgia State University (Master of Arts), 2013.

CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano*. Artes de Fazer. Petrópolis: Editora Vozes, 1998.

CROSBY, Alfred W. *Imperialismo Ecológico*: a expansão biológica da Europa – 900-1900. São Paulo: Companhia de Bolso, 2011.

DIAMOND, Jared M. *Armas, germes e aço*: os destinos das sociedades humanas. 20ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2018.

ELIAS, Norbert. *Os estabelecidos e os outsiders*: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2000.

GENOVESE, Eugene D. *A Terra Prometida*. O mundo que os escravos criaram. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1973.

JONES, Arthur C. *Wade in the Water*: the Wisdom of the Spirituals. Colorado: Leave a Little Room, 2005.

MARKS, Robert B. *Los orígenes del mundo moderno*. Una nueva visión. Barcelona: Crítica, 2007.

MCNEILL, William H., MCNEILL, J. R. *Las redes humanas*: Una historia global del mundo. Barcelona: Booket, 2010.

MOREIRAS, Alberto. El Incidente Inconspicuo. *Soft Power*, volume 5, número 2, julio-diciembre, 2018.

MORGAN, Edmund S. Escravidão e liberdade: o paradoxo americano. *Estudos Avançados*, n. 14, v. 38, 2000, p. 121-150.

NAPOLITANO, Marcos. *Música & História* – história cultural da música popular. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

RAMBELLI, Gilson. Tráfico e navios negreiros: contribuição da Arqueologia Náutica e Subaquática. *Navigator*, v. 04, 2006, p. 59-72.

RANGEL, Fernando Urbina. La coca. Palabras-hoja para cuidar el mundo. *Maguaré*, v. 25, n. 02, 2011, p. 199-225.

WATCHEL, Nathan. Os Índios e a Conquista Espanhola. In: BETHELL, Leslie. *História da América Latina*. América Latina Colonial. São Paulo: Edusp, 2018.